Lição 5: A Incurabilidade da Iliberalidade

> *Ora, a avareza é incurável. Com efeito, a velhice e toda impotência parecem tornar os homens avaros. E ela é mais conatural aos homens do que a prodigalidade. Pois muitos são mais amantes do dinheiro do que doadores. [697]*
>
> *Além disso, ela se estende muito e é multiforme, pois parecem existir muitos modos de avareza. Com efeito, consistindo em dois elementos, a saber, na deficiência do dar e na superabundância do tomar, não sobrevém integralmente a todos, mas às vezes se divide: uns superabundam no tomar, outros deficiam no dar. [699]*
>
> *Com efeito, os que recebem tais denominações, como parcos, tenazes, vendedores de cominho, todos deficiam no dar, mas não cobiçam o alheio nem querem tomá-lo. Estes, por certa moderação e receio de coisas torpes; pois alguns parecem, ou dizem, guardar por isto, para que não sejam alguma vez forçados a fazer algo torpe; e entre estes está o vendedor de cominho e todo tal, assim nomeado pela superabundância daquilo que é não dar a ninguém coisa alguma. Estes, por sua vez, abstêm-se do alheio por temor, para que não seja fácil que eles mesmos tomem o que é dos outros, e que os outros não tomem o que é seu; agrada-lhes, portanto, nem dar nem tomar. [700]*
>
> *Estes, por outro lado, superabundam no tomar, aceitando de toda parte e tudo. Por exemplo, os que exercem ocupações avaras e os que se alimentam do lucro do meretrício e todos os tais, e os usurários que dão pouco a muitos juros. Com efeito, todos estes tomam de onde não é preciso e quanto não é preciso. Neles aparece como comum o lucro torpe, pois todos, por causa do lucro, e este pequeno, suportam opróbrios. Aqueles, porém, que tomam grandes somas de onde não é preciso e o que não é preciso, não os chamamos avaros, como os tiranos que saqueiam cidades e despojam lugares sagrados, mas antes perniciosos, ímpios e injustos. [704]*
>
> *O jogador, o despojador dos mortos e o ladrão são dos avaros; pois são lucradores torpes, uma vez que ambos negociam por causa do lucro e suportam opróbrios. E estes, por causa do lucro, enfrentam os maiores perigos; aqueles lucram dos amigos, aos quais é preciso dar. Ambos, querendo lucrar de onde não é preciso, são lucradores torpes. E todas as tais aquisições são avaras.*

> *[704]*
>
> *Convenientemente, pois, diz-se a avareza contrária à liberalidade. É, com efeito, um mal maior do que a prodigalidade, e mais se peca por ela do que pela mencionada prodigalidade. Sobre a liberalidade, portanto, e sobre os vícios opostos, tanto se disse. [705]*

697. ***Ora, a avareza é incurável*** etc. Depois de o Filósofo ter tratado da prodigalidade, aqui trata da avareza.

E a respeito disto faz três coisas:

primeiro, propõe certa condição da avareza;

segundo, distingue os modos ou espécies da avareza, ali: ***além disso, ela se estende muito*** etc.;

terceiro, compara a avareza com o seu oposto, ali: ***convenientemente, pois, à avareza*** etc.

Diz, pois, primeiro que o vício da avareza é incurável.

E disto apresenta duas razões.

A primeira delas é que a vida humana, e também as coisas mundanas, na maioria das vezes tendem para o defeito; ora, é manifesto pela experiência que tanto a velhice quanto qualquer outra impotência ou defeito torna os homens avaros, porque parece ao homem que carece de mais coisas e, por isso, deseja mais as coisas exteriores, com as quais se supre a indigência humana.

698. A segunda razão é que aquilo para o qual o homem naturalmente se inclina não se remove dele facilmente; ora, o homem inclina-se mais para a avareza do que para a prodigalidade. Sinal disto é que se encontram mais amantes e conservadores do dinheiro do que doadores, e aquilo que é natural encontra-se no maior número. E tanto a natureza inclina para o amor das riquezas quanto por elas se conserva a vida do homem.

699. Em seguida, quando diz: ***além disso, ela se estende muito*** etc., distingue os modos ou espécies da avareza.

E a respeito disto faz três coisas:

primeiro, mostra que a avareza se considera segundo dois elementos, a saber, segundo o supérfluo no tomar e segundo o defeito no dar;

segundo, estabelece as espécies que se tomam segundo o defeito no dar, ali: ***com efeito, os que em tais*** etc.;

terceiro, estabelece as espécies que se tomam segundo o supérfluo no tomar, ali: ***estes, por outro lado, segundo o tomar*** etc.

Diz, pois, primeiro que a avareza aumenta muito, estende-se também a muitas coisas e é multiforme, enquanto há muitos modos de avareza. Com efeito, consistindo a avareza em dois elementos, a saber, no defeito do dar e na superabundância do tomar, nem todos os avaros pecam em ambos, como se tivessem a razão inteira da avareza, mas às vezes se divide em pessoas diversas, de modo que alguns superabundam no tomar sem contudo deficirem no dar, como se disse acima dos pródigos, ao passo que outros deficiam no dar e contudo não superabundam no tomar.

700. Em seguida, quando diz: ***com efeito, os que*** etc., determina os modos daqueles que deficiam no dar. E diz que tais são chamados parcos, por gastarem pouco, e tenazes, pelo defeito no dar, como que retendo muito; chamam-se também vendedores de cominho, como que vendedores de cominho, por certo excesso de tenacidade, isto é, porque nem a mínima coisa dariam sem recompensa. E, todavia, estes não superabundam no tomar, porque nem cobiçam o alheio nem se importam muito em aceitar o que lhes é oferecido. E isto por duas razões.

701. A primeira delas é que abandonam isto por moderação de costumes e por temor da torpeza; pois parecem por isto guardar o que é seu, e também o dizem em palavras, para que, se derem o que têm, não sejam alguma vez forçados, por causa da penúria, a fazer algo; e daí é também que não querem receber o alheio, julgando isto torpe, ou também receiam ser induzidos por aqueles que lhes dessem a algo indecente; e desse número parece ser o vendedor de cominho, isto é, o que vende cominho, assim nomeado por superabundar em não querer dar a ninguém; e a mesma razão vale para todos os semelhantes.

702. A segunda razão é que alguns se abstêm de tomar o alheio por temerem que lhes seja preciso dar, como se não fosse fácil que eles mesmos tomem o que é dos outros e que os outros não tomem o que é seu; e por isso lhes agrada nem dar nem tomar.

703. Em seguida, quando diz: ***estes, por outro lado*** etc., estabelece os modos da avareza que se tomam segundo o supérfluo no tomar.

E primeiro quanto aos que tomam torpemente;

segundo, quanto aos que tomam injustamente, ali: ***o jogador*** etc.

Diz, pois, primeiro que alguns avaros superabundam no tomar, não se importando com o que ou de onde tomam ou lucram. Destes, alguns lucram de ocupações vis e servis; outros lucram de coisas torpes e ilícitas, como do meretrício ou de algo semelhante, tais como os rufiões; outros lucram por exigência ímproba, como os usurários e os que ao menos querem lucrar algo pequeno em algo grande que dão ou emprestam. Com efeito, todos os mencionados tomam de onde não é preciso, isto é, de ocupações servis ou torpes, ou quanto não é preciso, como os usurários que tomam além do principal. E a todos estes é comum lucrarem torpemente, enquanto suportam ser tidos por opróbrio por causa de algum lucro, e este pequeno. Pois aqueles que, para lucrar grandes somas, tomam de onde não é preciso ou o que não é preciso, como os tiranos que saqueiam cidades e templos, não se dizem avaros, mas antes se dizem perniciosos, contra os homens, e ímpios, contra

Deus, e injustos, como transgressores da lei.

704. Em seguida, quando diz: ***o jogador*** etc., estabelece os avaros que tomam injustamente, como o jogador, que lucra do jogo de dados, e aquele que despoja os mortos, os quais antigamente eram sepultados com grande aparato, e o ladrão, que despoja os vivos; pois todos estes lucram torpemente, enquanto por causa do lucro fazem certos negócios pelos quais são opróbrios. O que também se disse dos anteriores, mas nestes há alguma razão especial de torpeza: pois alguns deles, a saber, o despojador dos mortos e o ladrão, expõem-se a grandes perigos por causa do lucro, fazendo o que é punido pelas leis; outros, a saber, os jogadores, querem lucrar dos amigos com os quais jogam, embora antes conviesse, segundo a liberalidade, dar algo aos amigos. E assim é evidente que ambos, ao quererem lucrar de onde não é preciso, são lucradores torpes. E assim é evidente que todas as mencionadas despesas, isto é, aquisições, são avaras.

705. Em seguida, quando diz: ***convenientemente, pois*** etc., determina acerca da avareza por comparação ao vício oposto.

E diz que a avareza convenientemente se denomina a partir da oposição à liberalidade. Com efeito, o vício pior sempre se opõe mais à virtude; ora, a avareza é pior do que a prodigalidade, como se mostrou acima; donde resulta que se opõe mais à liberalidade.

A segunda razão é que os homens pecam mais segundo o vício que se chama avareza do que segundo o vício que se chama prodigalidade, e por isto ela se nomeia a partir da privação da liberalidade, pois mais vezes por este vício se corrompe a liberalidade.

706. Por último, faz o epílogo do que foi dito, dizendo que tanto se disse sobre a liberalidade e sobre os vícios opostos.

Revision #2
Created 11 October 2026 19:05:34 by Admin
Updated 17 October 2026 00:09:41 by Admin